

# O emprego do precursor paraquedista como integrante do Batalhão de Inteligência Militar nas operações de reconhecimento

Alex da Silva Pereira<sup>1</sup>

## Introdução

**D**urante o período entre as guerras do século passado, mentes militares brilhantes buscavam uma forma de unir o trinômio combatente, paraquedas e avião, a fim de se criar uma nova e revolucionária forma de emprego de tropas militares. Os russos e os alemães foram os primeiros a realizar saltos de paraquedistas militares em massa, conduzindo equipamento para o combate nesse período. Todavia, os russos não adaptaram sua doutrina à utilização de paraquedistas, e estes acabaram sendo empregados apenas como tropas terrestres. Os alemães foram os responsáveis pelo primeiro emprego de tropas paraquedistas em um conflito armado, dando indícios de ser este um importante vetor de combate. Nesse momento, os norte-americanos, que mais tarde viriam a ter uma das maiores tropas aeroterrestres do mundo, ainda estavam implementando essa concepção.

Na Segunda Guerra Mundial, o envolvimento vertical consolidou-se como forma de manobra. As duas divisões aerotransportadas americanas (82<sup>a</sup> e 101<sup>a</sup>) foram ampla-

mente empregadas durante aquele conflito. Coube a um dos regimentos da 82<sup>a</sup> Divisão Aerotransportada a primeira missão em combate, tomando parte da Operação Husky I, que previa a invasão da Ilha da Sicília, Itália, em julho de 1943. Aquela missão foi um grande laboratório para as tropas aeroterrestres, como afirmou seu próprio comandante (GAVIN, 1982).

Diversas foram as falhas, e muito havia a ser melhorado. Um grande óbice foi a falta da correta seleção, reconhecimento, preparação, lançamento e reorganização nas zonas de lançamento. Assim, quase a totalidade dos paraquedistas foi lançada fora dos objetivos planejados. Portanto, foi idealizada uma estrutura que habilitasse alguns paraquedistas combatentes previamente selecionados a saltar antes do grosso da tropa, a fim de conduzir as formações de aeronaves e balizar as zonas de lançamento para o salto preciso dos combatentes aeroterrestres. Com o êxito dos *pathfinders* (como são conhecidos), criou-se na Inglaterra em 1944, a Escola de Precursores, em preparação ao Dia D.

No Brasil, ainda não havia tal concep-

---

<sup>1</sup> Cap MB (AMAN/04), pós-graduado em Operações Militares (EsAO/12). Possuidor dos cursos de Precursor Paraquedista, Operações na Selva Categoria B e Operações de Apoio à Informação. Atualmente, é instrutor do Curso de Material Bélico da EsAO

ção. Dessa forma, o 1º tenente Celso Nathan Guaraná de Barros, foi enviado, em 1948, aos EUA para frequentar o Curso de Pathfinder, após ter concluído naquele país os cursos de Mestre de Salto e de Transmissões Paraquedistas. Com isso, funcionou em 1951, aqui no Brasil, o 1º Curso de Paraquedista Precursor, fruto do intercâmbio realizado.

## Desenvolvimento

A missão do precursor paraquedista (Prec Pqdt) é atuar em uma operação aeroterrestre ou aeromóvel, reconhecendo e operando uma zona de lançamento (ZL), uma zona de pouso (ZP) e uma zona de pouso de helicóptero (ZPH) a fim de introduzir nos objetivos em profundidade, que estão à retaguarda do dispositivo defensivo do inimigo, as forças de combate. O Prec Pqdt participa do planejamento da operação, na seleção das zonas de lançamento ou de pouso. Em seguida, infiltra em território hostil por diversas maneiras e efetua a seleção e o reconhecimento das áreas levantadas, informando ao escalão superior em proveito do qual opera os dados necessários para o emprego da tropa. Esses dados contemplam os aspectos do terreno e das condições meteorológicas, bem como a atuação inimiga e ação química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN) (BRASIL, 2000, p. 2-1).

Tal concepção, semelhante às necessidade de recursos humanos do Batalhão de Inteligência Militar, faz com que se torne potencial elemento de busca de dados. Posterior ao oportuno repasse de informações ao escalão superior, realiza o lançamento de pessoal e de material, podendo auxiliar os trabalhos

de balizamento para lançamento pesado ou desembarque da tropa de massa, auxiliando sua reorganização (etapa em que há extrema vulnerabilidade). Conduz a tropa até os seus objetivos após o reconhecimento destes e permanece à disposição da mesma a fim de realizar missões diversas, como monitoramento de regiões de interesse para a inteligência (RIPI), ação direta, execução de apoio de fogo aéreo como guia aéreo avançado (GAA) etc. (BRASIL, 2000, p. 2-1).

Dentre as possibilidades que mais se relacionam com as operações de inteligência destacam-se:

- a) Reconhecer em profundidade e operar ZL, ZP e ZPH, atividade esta que leva em consideração os aspectos terreno, condições meteorológicas e inimigo. Isso proporciona ao escalão superior o recebimento de informações atualizadas do terreno e das condições meteorológicas locais bem como uma atualização contínua do inimigo na região de operações, tornando-se elemento de busca de informações de combate específicas em prol da tropa apoiada.
- b) Infiltrar-se na área de operações em qualquer ambiente operacional, seja por meio aéreo, aquático, subaquático ou terrestre. Quando em ambiente de selva, operar como força de sustentação por meio de “cachês” e de lançamento de material ou pessoal em área clandestina, podendo destruir pistas avançadas.
- c) Atuar como guia aéreo avançado (GAA) na condução do apoio de fogo da aviação de ataque bem como em operação de RIPI. O GAA é o elemento cuja mis-

são é guiar os aviões de ataque até o alvo. Para tanto, fornece ao líder as informações sobre o ataque e sinaliza o alvo, permitindo que o alvo seja visualizado pelo atacante (BRASIL, 2000, p. 2-2).

A inteligência em operações militares permite obter continuamente informações sobre um inimigo dotado de fluidez e de dissimulação crescentes e a influência que outros fatores da decisão, notadamente as condições do terreno e meteorológicas, podem exercer no combate. Baseado nestes dados, o decisor concebe a atitude e o tipo, ritmo e amplitude da operação a ser executada. Os equipamentos de busca estão constantemente em evolução. Contudo, a fonte humana é, ainda, a mais confiável, sendo as tropas especiais as mais aptas a buscar dados onde os sensores não conseguem atuar (DA COSTA, 2012, p. 5).

Para o melhor entendimento do emprego das equipes de precursoras em proveito das operações de inteligência, cita-se o conceito de operação de reconhecimento especial, alvo de adiestramento de tropas especializadas em todo o mundo, como o realizado pelo Control Combat Team (CCT), quando da invasão do Panamá em 1989, por ocasião da “Operação Justa Causa” (DA COSTA, 2012, p. 32).

Reconhecimento especial é uma operação militar em que tropas especiais, através de observação ou de outros métodos, coletam dados do inimigo e da área de operações predefinidas. Essa operação visa obter informações de importância estratégica, operacional ou eventualmente tática, empregando capacidades normalmente não encontradas

nas tropas convencionais. Uma equipe de precursoras, devido às suas capacidades, incluindo a flexibilidade de organização, é apta a realizar tal tarefa, característica esta que pode ser aprimorada pela EsIMEx conforme as necessidades do Batalhão de Inteligência Militar. Para tanto, podem realizar a busca de alvos (detecção, identificação e localização), análise de alvos predefinidos (seleção, priorização e levantamento dos meios mais adequados à sua interdição), reconhecimento propriamente dito, monitoramento ou vigilância ininterrupta (permitindo identificar detalhes da rotina do alvo que podem exigir uma resposta imediata ou reorientar esforços conforme a evolução do quadro tático), avaliação de danos após ataques e avaliação de área (permitindo complementar dados do levantamento estratégico de área) (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1994, p. 2-7).

O reconhecimento especial complementa o emprego de outros sistemas de inteligência e visa obter informações de valor estratégico, incluindo a aquisição de alvos, a avaliação de área e o controle de danos após um ataque. É conduzido isoladamente ou em apoio às operações convencionais, reduzindo seu risco, exigindo elevado sigilo e executado por pequenos efetivos, por meio de técnicas de combate evasivas. Ao ser feito em áreas sensíveis, normalmente sob condições comprovadamente hostis, há preocupação com o sigilo e as ações clandestinas. No desenrolar das ações, ocorre a confecção de relatórios padronizados, que visam fornecer o máximo de informações sobre o inimigo, incluindo um mapa sobre sua situação, operação de postos de vigilância, coleta de dados sobre alvos específicos (pontes, estradas, túneis, vaus,

aeródromos, pistas de pouso etc.), vetoramento de aeronaves e instalação de equipamentos radares. Além disso, há possibilidade de outras atividades com o aproveitamento do precursor, como a interdição de alvos e a condução de fogo aéreo (DA COSTA, 2012, p. 33).

Deve haver o entendimento de que os diversos níveis de comando não podem abrir mão da integração dos elementos de operações especiais, a despeito de todo o aparato tecnológico disponível, pois algumas informações só podem ser obtidas através da observação direta; no caso proposto, de uma Eq Prec realizando reconhecimento especial, com as forças convencionais, proporcionando sinergia e o melhor uso dos meios disponíveis.

## Conclusão

Desde a última metade do século passado, as tropas especiais dos países de primeiro mundo, em particular daqueles que são frequentemente empregados em conflitos armados, passaram por uma guerra mundial, conflitos regionais e outras operações de grande vulto. Experimentaram os resultados de sucessos e de fracassos que trouxeram mudanças na concepção de emprego de suas forças. Por isso, atualmente, há o conceito de que, por haver uma demanda cada vez maior no nível de especialização de seus efetivos, os resultados desejados serão melhores e mais provavelmente alcançados, se em sua busca houver o envolvimento de peças de manobra distintas quanto à sua utilização em todas as fases no desenrolar das ações.

É inquestionável que a obtenção de dados precisos e oportunos sobre a área de operações e a situação do inimigo é fator funda-

mental para o sucesso, particularmente àquelas tropas que ainda não se fazem presentes no terreno por ocasião das ações. Tal conhecimento influencia desde o nível tático, por ocasião das missões executadas por pequenos escalões, até o nível estratégico, nos órgãos decisores competentes. Para isso, se utilizam de elementos especializados para a atividade de reconhecimento nos estágios anteriores à presença da tropa convencional (BRASIL, 2008, p. VI).

A dinâmica do combate moderno exige um eficiente processo de tomada da decisão pela combinação de sensores de alta tecnologia com fontes humanas “especiais”. Os conflitos recentes mostram a necessidade da concepção desta doutrina de emprego de Op Intlg no Brasil. (DA COSTA, 2012, p. 42).

Quanto à viabilidade de o precursor paraquedista poder integrar o Batalhão de Inteligência Militar, é razoável afirmar que as capacidades e habilidades do Prec lhe permitem pertencer ao BIM, pois existe compatibilidade da capacitação técnico-profissional deste especialista para o reconhecimento de longo alcance, ao ser equipado e adestrado para grandes deslocamentos e para durar na ação por longos períodos, conforme a base doutrinária do BIM.

Realizando pesquisas bibliográficas, inclusive de literatura estrangeira, é possível perceber que o uso de combatentes similares ao Prec como elemento de inteligência operacional é consagrado na doutrina militar de outros países. O Prec preserva uma característica essencial que o distingue como elemento de operações especiais: a atuação de modo isolado em território inimigo, tendo para isso, seu pessoal rigorosamente selecionado e instruído.

---

Sendo assim, as capacidades do precursor paraquedista favorecem as demandas requeridas pelo pelotão de reconhecimento de inteligência, orgânico do BIM. A complementação dos conhecimentos sobre inteligência militar pode capacitá-lo a operar em proveito do BIM em melhores condições. **REB**

## Referências

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1-4: Manual de Operações de Esclarecimento de Fuzileiros Navais. 2. ed. Brasília: Marinha do Brasil, 2008.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. C 21-30: Abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas. 4ª ed. Brasília-DF: EGGCF, 2002.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. T 57-260: Precursor Paraquedista. 2. ed. Brasília: EGGCF, 2001.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. T 57-280: Meteorologia para o Aeroterrestre. 2. ed. Brasília: EGGCF, 2000.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. Base Doutrinária do Batalhão de Inteligência Militar. Brasília, 2013.

CENTRO DE INSTRUÇÃO PÁRA-QUEDISTA GENERAL PENHA BRASIL - CIPQDTGPB, Plano de Disciplinas do Curso de Precursor Paraquedista. Rio de Janeiro, RJ, 2011.

Compañía de Reconocimiento Avanzado. Disponível em: <<http://www.kilermt.com/2012/06/crav-compania-de-reconocimiento.html> <http://forejercito.forumup.es/about3998-0.html>>. Acesso em: 5 ABR 16.

COMPANHIA DE PRECURSORES PÁRA-QUEDISTA – Base Doutrinária, Rio de Janeiro, 2004.

DA COSTA, ADRIANO FRUCTUOSO. Emprego de Tropas Especiais em Operações de Inteligência. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu de Especialização em Análise de Inteligência Militar). Brasília. 48p. Escola de Inteligência Militar do Exército, 2012.

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS. Manual de Metodologia da Pesquisa Científica. Rio de Janeiro: ed. EsAO, 2007.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. FM 7-93: Long-range Surveillance Unit Operations. Washington-DC, 1995.

Parachute\_Dragoon\_Regiment. Disponível em: <<http://www.defense.gouv.fr/terre/presentation/organisation-des-forces/arme-blindee-cavalerie/13e-regiment-de-dragons-parachutistes>>. Acesso em: 3 ABR 16.

\_\_\_\_\_. Curso de Precursor Paraquedista. Disponível em: <[http://www.cipqdt.ensino.eb.br/index.php?pag=cursos/fases\\_c\\_prec&bd=link](http://www.cipqdt.ensino.eb.br/index.php?pag=cursos/fases_c_prec&bd=link)>. Acesso em: 12 ABR 16.

NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.